

## O Papel Das Freiras Nos Padrões De Elegância Feminina Brasileira Na Década De 1950

The role of nuns on feminine elegance patterns in Brazil by the 1950s

Sergio Blain<sup>1</sup>

**Resumo:** Este estudo buscou elementos informativos sobre a moda e a elegância feminina brasileira. Atingindo seu apogeu na década de 1950, esses padrões de elegância foram influenciados por colégios de freiras francesas, que se instalaram no Brasil, em quantidade crescente, no fim do século XIX e início do século XX. Estas instituições confessionais encontraram na Terra de Santa Cruz a seara propícia para desenvolver seu método de ensino baseado na figura da "Mãe de Deus", principalmente após a grande feminização religiosa observada na Igreja durante o século XIX.

**Palavras-chaves:** Ensino confessional; elegância; brasilidade; década de cinquenta.

**Abstract:** This study evaluated information on Brazilian female-fashion and feminine elegance patterns. These elegance patterns – which achieved its apex during the 1950s, -were influenciated by schools run by French nuns established in increasing numbers from the end of the 19<sup>th</sup> century to the beginning of the 20<sup>th</sup> century. Such confessional institutions found in *Santa Cruz land* a perfect place to develop their teaching methods, which wasbased on the figure of Mary – Mother of God, mainly after the feminization of the Catholicism that occurred in the 19<sup>th</sup> century.

**Keywords:** Sister; confessional education; elegance; brazilianness;1950s;

### Introdução

Nesse trabalho é proposto um “mapa” da explosão da elegância feminina brasileira, cujo apogeu se verificou nos anos de 1950, e elucidar o que este fato traz de religioso em seu âmago. Mesmo sabendo que algumas dessas categorias culturais, como as “boas maneiras”, são consideradas, por alguns, como quesitos de menor

---

<sup>1</sup> Mestre em teologia pela PUC-SP e doutorando no Programa Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, da PUC-SP, sob a orientação do prof. dr. Wagner Lopes Sanchez.

observação. Fatos, como este, torna a elaboração deste ensaio, uma tarefa instigante, porém nada fácil.

O fio condutor, buscando esse “charme verde e amarelo”, sem dúvida de matriz francesa, leva às primeiras escolas femininas, fundadas na França, em especial, a Maison de Saint Louis ou Colégio Feminino de Saint-Cyr, criado por Madame de Maintenon, esposa morganática do rei Luis XIV, em 1686, destinado a moças de origem nobre e empobrecidas, cujo o objetivo de ensino era, “dar graça, ornar a memória, elevar o coração e dotar o espírito de coisas belas.” (LEÇA, 09/01/2018)

Realizou-se breve estudo sobre o movimento chamado de “feminização da Igreja” ocorrido na França no decorrer do século XIX e seu reflexo no Brasil e também as leis educacionais de Jules Ferry, Ministro da Educação que através de leis sucessivas, proibiu, no início do século XX, o ensino confessional católico em todo território francês, obrigando estas instituições a buscar outros países para exercer sua docência, encontrando seara favorável para sua rápida expansão em território brasileiro e que será um dos focos principais dessa investigação. Será focalizado o nascimento da Alta Costura de Paris, concomitantemente com a expansão da burguesia francesa, assim como o nascimento da “moda de autor” no Brasil quase cem anos após.

Este estudo finaliza-se, nos anos de 1950, fazendo uma análise dos movimentos sócio culturais desta década, para justificar o interesse e a exposição midiática, que tiveram essas mulheres, acontecido nesta época, que fez a “socialyte” Carmen Mayrink Veiga, declarar em seu livro: “Alegra-me ter vivido a mocidade no auge de um período, fim dos anos 50, quando me casei” (VEIGA, 1997, p.117).

### **Charme feminino: Uma imposição?**

Tudo leva a crer que talvez motivado pela sua força física e também pelo fato de não engravidar, o homem foi tomando a dianteira em todo trabalho prático que o paulatino progresso humano foi exigindo. Para a mulher sempre foi reservado um lugar de segundo plano. Desde o momento que esse ser, ainda primitivo, atinge o conhecimento de si mesmo, conseguindo, aos poucos, a capacidade de abstrair, fato o levaria à escrita e apesar do grande domínio do macho, sempre houve uma ou outra mulher, normalmente, oriunda das classes mais elevadas que por seu nascimento, inteligência ou mesmo pela beleza, deixaram sua marca na história:

O homem, como nos ensina o Gênesis, foi concebido antes da mulher e antes dela também, ao longo dos séculos o uso de todas as coisas belas e agradáveis deste mundo. Primeiramente para ele, o porte dos ornamentos, plumas, conchas ou troféus conquistados sobre a prole humana ou animal. Ele mostra assim sua superioridade de chefe aos outros homens e sua autoridade de macho à mulher, onde os adornos são aceitos apenas sob um plano de coqueteria e mesmo de subordinação.

Para o homem, primeiramente, o uso dos perfumes, das peles, das jóias, dos tecidos suntuosos e mesmo das perucas. Para ele a glória nas hierarquias, demonstradas pelas roupas, glória civil, militar e religiosa, deixando apenas à mulher, com exceções feitas a algumas soberanas, o lado mais fútil da moda, aquele que lhe permitia exprimir sua sedução. (KIBILOVÁ, 1976, p.7)

Apesar de muitas exceções, como por exemplo, “Christine de Pizan, a mais conhecida das mulheres letradas da Idade Média, laica e extremamente culta, autora de numerosas obras, magnificamente iluminadas. Grande copista, após a morte de seu marido, manteve sua numerosa família, se dedicando a esse trabalho”. (LEÇA, 09/01/2018)

Porém até o século XVII, só a realeza, dava campo a algumas mulheres a atuação que poderia ser equiparada a dos homens. Assim, através dos séculos, como foi dito acima, a mulher se tornou exímia conhecedora do campo da sedução.

Durante as grandes mudanças sócio-políticas e religiosas, acontecidas no decorrer do século XIX, a mulher mesmo começando a adentrar no mundo masculino, do trabalho fora de casa, motivado pela Revolução Industrial, ainda guardava como guarda até hoje, todos os requisitos que lhe foram atribuídos na trajetória humana, ou seja, seu valor como dona de casa e educadora dos filhos.

Nesta época a França, mais exatamente Paris, era o grande centro irradiador da moda e das artes para o mundo, tempo de grande influência religiosa, de caráter mariano, tanto nos países católicos europeus, como por toda a América Latina.

“Dois grandes milagres aconteceram em forma de aparições, Nossa Senhora da Sallette, 1846 e Nossa Senhora de Lourdes em 1858. Diferente da aparição da Virgem de la Salette, que chora lágrimas de sangue e clama a cólera de Deus. A Virgem de Lourdes, é serena, pacificadora, vestida de azul claro e sorri”. (JUIN, 1978, p. 11).

Este caráter mariano é claramente identificável, pelo fato da grande “feminização” da Igreja acontecida no século XIX, motivado por algumas mudanças da visão religiosa, entre elas,

A passagem de um Deus severo para um Deus de amor, encontrando um eco particular entre as mulheres. Também as práticas devocionais se feminilizaram, através do culto à Virgem Santíssima, trazendo um pietismo suplicante, considerado muitas vezes, afetado e sentimental. [...] Portanto, é no decorrer do século XIX, que a imagem feminina foi estritamente ligada à religião (MULLER, 12/102018).

Esta representação, da Mãe de Deus, acolhedora, discreta e serena será a forma simbólica, com que os colégios católicos a divulgarão entre suas alunas.

Estes fatos, acontecidos na França, correspondem exatamente à época onde a Alta Burguesia, que graças à Revolução possui já o poder econômico, assume também o poder político. A regra oficial desta burguesia é de se construir, por ordem moral, em oposição ao caráter dissoluto dos costumes da corte imperial[...] A partir deste momento, vão se desenvolver dois tipos de vestuários bastante diferentes, embora mantendo as mesmas linhas gerais: a roupa esporte e a roupa de noite. [...] A diferença, surgida entre a roupa, para o dia, muito sóbria e os vestidos de noite, mais decotados e com os braços nus, significa que esta burguesia vive na realidade sobre dois planos, a ordem moral, é a regra para suas esposas, mães de famílias, destinadas, através dos filhos, a dar continuidade a essa nova dinastia. Os vestidos de noite, pelo contrário, são criados, para vestir um “certo tipo” de mulheres que não pertencem à classe das mães de família, mas não são prostitutas, são chamadas de “mulheres do meio mundo”, as grandes amantes. Que se tornarão os verdadeiros protótipos da moda francesa, até 1910 (UM SIÈCLE DE COUTURE PARISIENNE, 1976, p.1).

Tendo entrado na posse desses dois importantes requisitos, o poder econômico e o político, “a sociedade liberal e burguesa tentou manter a mulher como o “anjo do lar”, excluída dos estudos superiores e dos liceus clássicos, sem acesso às profissões liberais, longe de toda atividade política e de qualquer cargo administrativo (DOMEZI, 2016, p.25).

Estes acontecimentos, religiosos e mundanos, começam a colocar a mulher em um novo patamar, muitas lutarão por seus direitos, outras adentrarão no mundo das artes e outras, ainda, geralmente por terem nascido dentro desta nova classe milionária, serão destinadas a tornarem-se esposas e mães de famílias, e serão, essas últimas, os protótipos do charme e da elegância que encontrará, no Brasil, seu clímax na década de 1950.

A forma de vida, normativa e religiosa surgida na época da ascensão da burguesia industrial francesa, será o lema de vida adotado pela oligarquia agrária brasileira.

### **A educação feminina: Eram assim tão arredias?**

Sabemos que desde a chegada dos colonizadores, a questão do ensino centralizou-se nas mãos da Igreja, através de várias ordens religiosas, em especial, pela Companhia de Jesus, cujos membros são chamados, jesuítas.

Desde a primeira escola, de “ler e escrever”, erguida por volta de 1549, no mesmo ano da chegada dos primeiros inicianos ao Brasil, o ensino foi pautado pela idéia da formação de uma elite branca e masculina. As mulheres podiam quando

muito, educar-se na catequese. Eram destinadas ao lar: casamento, economia doméstica, cantos religiosos e orações.

A ignorância, o distanciamento do mundo real, a clausura doméstica fizeram parte do universo feminino durante todo o período colonial e parte do Império. Alguns navegadores que vieram ao Brasil no século XIX, como Max Leclerc e Saint Hilaire relatam que as mulheres eram analfabetas, arredias e ignorantes; escondiam-se atrás das portas, evitavam qualquer tipo de contato com pessoas estranhas e dedicavam-se exclusivamente à casa e à educação dos filhos. (SAPATERRA, 2012 p. 48)

Em 1808, quando os portos brasileiros se abriram para a navegação internacional, uma onda de viajantes oriundos dos países avançados de então, invadiu o interior do Brasil, eram, franceses, ingleses, alemães e norte-americanos. Uma das coisas que mais causaram espanto a esses estrangeiros, foi a religiosidade brasileira. O francês, Saint-Hilaire parece traduzir o sentimento de todos ao escrever, “na Igreja brasileira não há o que possa causar espanto: está fora de todas as regras”(RODRIGUES, 1975, p 149).O que mais causa pasmo, a esses viajantes, são as procissões religiosas, pelo seu caráter ruidoso, festivo, quase anárquico que elas apresentam, muito diferente das práticas, rigorosas e bem ordenadas de seus países de origem (HOORNAERT, 1990, pp. 18-19).Vejam os que nos conta o escritor Manoel Antonio de Almeida sobre essas festividades no tempo de Dom João VI:

Um dia de procissão foi sempre nesta cidade um dia de grande festa, de lufa-lufa, de movimento, e de agitação; [...] enchiam-se as ruas de povo, especialmente mulheres de mantilha [...] É quase tudo o que ainda hoje se pratica, porém em muito maior escala e grandeza, porque era feito por fé, como dizem as velhas desse bom tempo, porém nós diremos, porque era feito por moda: era tanto do tom enfeitar as janelas e portas em dias de procissão, ou concorrer de qualquer outro modo para o brilhantismo das festividades religiosas, como ter um vestido de manga de presunto, ou trazer à cabeça um formidável trepa-moleque de dois palmos de altura (ALMEIDA, 1970, p. 100).

Após Dom Pedro I ter outorgado, em 15 de outubro de 1827, a primeira Lei Geral, para todo o Império, sobre o ensino primário, determinando que as Escolas de Primeiras Letras ensinassem para meninos, a ler e escrever, as quatro operações aritméticas e noções gerais de geometria prática, para meninas, as noções de geometria, estavam excluídas, aprenderiam prendas domésticas, cozinhar, costurar e bordar (MARTINS).

Com este fato o letramento feminino, parece ter tido rápida expansão, pois grandes escritores do romantismo brasileiro como José de Alencar, Joaquim Manoel de Macedo e mesmo Machado de Assis, escreveram contos e romances claramente dirigidos ao gosto feminino da segunda metade do século XIX.

Ainda no início do século, acima citado, os grandes proprietários de terra, pouco se preocupavam com a escolarização de suas filhas. Nos raros casos em que acontecia, a instrução era reservada às mulheres que entrariam para a Igreja, ou pertencentes às classes sociais, mais ricas e elevadas: “uma mulher bonita, elegante, discreta e que soubesse um pouco de arte, literatura e também um pouco de música decorava bem um salão aristocrático. Ou seja, a educação das mulheres era um passatempo para senhoras ricas e sem nada para fazer”(LEÇA, 09/01/2018).

A respeito da educação dada às jovens das classes mais abastadas, podemos deduzir algumas conclusões contidas neste colóquio entre duas moças, no livro de José de Alencar, *O Tronco do Ipê*, publicado em 1871, cujo enredo se passa em 1850:

As duas amiguinhas podiam servir de exemplos de duas educações que se observam em nossa sociedade, bem distintas uma da outra, embora pelo contato da população, exerçam mútua e irresistível influência.

Alice era a menina brasileira, a moça criada no seio da família, desde muito cedo habituada à lida doméstica e preparada para ser uma perfeita dona de casa. A baronesa não se preocupava com a educação da filha, mas tal é a força do costume, que a moça achou nas tradições e hábitos da casa o molde onde se formou a sua atividade.

A civilização européia já tinha, é certo, polido esse tipo nacional; mas não lhe desvanecera a originalidade. Alice embora adquirisse todas as prendas de sala, que a teriam distinguido em uma sociedade elegante, não deixava por isso de apreciar em extremo o papel de doninha de casa [...] Adélia ao contrário era o tipo raro então e hoje muito comum, de certos costumes de importação; era mocinha de maneiras arrebicadas à francesa; cuidando unicamente de modas e do toucador (ALENCAR, 1951, p. 127).

Outro fato que pode nos dizer algo sobre essa “clausura doméstica,” durante o século XIX, está no costume de amigos e familiares se visitarem, como sabemos, não havia os meios atuais de comunicação, portanto as visitas simplesmente “apareciam” de surpresa. A conversa se iniciava, pelas perguntas de praxe, saúde e família:

“Ao entrar – A visita:

---Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo! Boa tarde! (já apertando as mãos)

---Resposta – Para sempre seja louvado! Nosso Senhor lhe dê boa tarde. [...]

---Como vai passando? Como passa a Senhora dona Luísa?

--- Assim como Deus é servido! Dona Luísa ( ou nhá Luísa, pois o próprio esposo não dispensava esse tratamento) vai indo meio mofina com umas novidades do estômago.[...]” (MARCONDES DE MOURA, 1998, p. 31).

Para as visitas de maior cerimônia e principalmente para as senhoras, era costume o dono da casa, acompanhá-las, cerimoniosamente, ao terreiro e mesmo oferecer as mãos, para ajudá-las a subir ou descer de suas conduções. No caso dos cavalos, o cavalheiro ou fazendeiro elegante, chegava a unir as duas mãos, formando apoio ao pesinho gentil, para a dona montar e apear (MARCONDES DE MOURA, 1998, p. 31). Acontecimentos como estes, podem nos mostrar que as mulheres, da elite brasileira, já tinham, segundo os padrões sociais, vigentes na época, o destaque social

que lhes competiam. Elas viviam, portanto, dentro de um comportamento social, já com características nacionais.

### Educação: “Noblesse oblige”

Em 1680 o teólogo, escritor e pedagogo francês, Fénelon,<sup>2</sup> inconformado com a educação dada às meninas, o seu fechamento em conventos, onde o aprendizado era apenas voltado ao conhecimento do catecismo e as noções básicas da vida de uma futura dona de casa submissa ao marido, ou destinada à vida de clausura, publica um dos primeiros programas de estudo para mulheres, o “*Traité de L’Education des filles*”.

Embora seu programa exclua os conhecimentos abstratos, como a retórica, as línguas clássicas e a filosofia, que continuam dentro do aprendizado masculino, o teólogo afirma a necessidade de um saber feminino, ler e escrever corretamente, gramática, as quatro operações, noções rudimentares de direito para administração dos negócios, história grega e romana, um pouco de história da França, também o latim, que será permitido somente às jovens “com um espírito firme e julgamento modesto”, quanto à leitura, Fénelon, propõe discricção, para que não se desenvolva idéias fora dos padrões da época. A filosofia é perigosa, a música não será aceita, pois é “fonte de divertimentos envenenados” (LEÇA, 09/01/2018).

Fénelon estabelece, seu sistema de educação, sobre princípios religiosos, ele usa bonecas, para dar às meninas as primeiras noções de filosofia moral e religiosa. [...] O pedagogo é inimigo de superstições e devoções popularescas, mas quer que as jovens recebam forte conhecimento religioso, ensinando todos os pontos da doutrina católica com grande clareza. Se ele censura certas práticas de pietismo ingênuo ou os impulsos de uma imaginação muito sensível, Fénelon aprova os estudos necessários, para que as moças abracem, com sucesso, todos os deveres que lhes são impostos, pela natureza e pela sociedade. As mulheres exercem, a seus olhos, um papel civilizatório, não sendo possível condená-las a uma ignorância absoluta, sob o pretexto de que elas, se tornariam ridículas, pela presunção de seus conhecimentos. [...] Em seu tratado, o pedagogo, deixa claro que as jovens devem receber lições de bom gosto sobre os costumes e sobre a moda, ele afirma que o luxo arruína as famílias, que certos adornos, aceitos pela vaidade feminina, as fazem perder seus predicados naturais. (BONNEFON, 22/10/2018)

Além deste tratado sobre a educação feminina de 1680, outro acontecimento marca um progresso sensível, neste campo no final do século XVII, é a fundação do Colégio feminino, Maison Royale de Sait-Louis, mais conhecido como, Colégio de Sait-Cyr, (16868/1719) instituído por Madame de Maintenon<sup>3</sup> em 1686, destinado às meninas pobres, originárias da velha nobreza francesa. Este estabelecimento de ensino tinha por lema: Dar graça, ornar a memória, elevar o coração e dotar o espírito de coisas belas.” (LEÇA, 09/01/2018).

<sup>2</sup> François de Solignat de La Mote-Fenelon (1651/1715) foi um bispo, teólogo, pedagogo e escritor francês. Pertenceu à Academia Francesa de Letras.

<sup>3</sup> Madame de Maintenon, (27/11/1635-15/04/1719) esposa morganática do Rei Luis XIV.

Claramente inspirado pelas normas de Fenèlon, Saint-Cyr, foi instalado ao fundo do parque de Versailles. Luiz XIV aceitou a proposta de sua esposa, de erigir um colégio, porém “as jovens seriam instruídas tendo em vista as suas funções, e não fazer delas monjas”. (LEÇA, 09/01/2018)

“As professoras, não pertencentes ao clero, seriam em número de trinta e seis, para duzentas e cinquenta meninas nobres, órfãs ou sem recursos. Contudo a superiora, Madame de Brinon, era freira, da ordem das Ursulinas” (LEÇA). Pois mesmo sendo secular, o estudo religioso era um fator bastante considerado dentro da Instituição. Madame de Maintenon, neta de huguenotes, pelo lado paterno, se voltara, definitivamente, ao catolicismo de sua mãe, passando a ter pela Igreja de Roma o desvelo característico dos convertidos.

Para a obtenção de um lugar, em Sain-Cyr, era preciso endereçar uma carta ao Rei, contendo: o nome da menina, de seu pai e mãe, idade, lugar de nascimento, os empregos de seu pai, se este serve ou serviu nas Forças Armadas, a comprovação do batismo e um certificado de pobreza, assinado pelo Bispo da diocese, a que família pertencesse.

Encontrava-se na época, por todo reino, um grande número de nobres sem um centavo, que viviam à custa de empréstimos e de caridades; muitos deles, filhos mais novos, não tinham terras nem gados e viviam miseravelmente [...] seria possível, com aquela matéria prima, levar mais longe a obra da educação: formar belos espíritos, talvez, mas sobretudo, regenerar a nação inculcando na sua elite máximas de virtude e princípios de ciência. Educa os mais pobres dos nobres do mesmo modo que os mais ricos dos burgueses (LEÇA, 09/01/2018).

Entre estes estabelecimentos de educação para meninas, podemos destacar,

Ordem das Ursulinas, fundada em 1535 na Itália, por Angela Merice e estabelecida na França em 1594; a Maison de Saint Louis (1686-1793) também conhecida como Saint-Cyr, instituída por Madame de Maintenon; e as Maisons de éducation de la Légion d'Honneur, criada no início do século XIX por Napoleão Bonaparte” (CONSTANT, 2011. p. 14), em atividade até os dias de hoje.

Estas instituições de ensino, para meninas, visavam transmitir às suas alunas um tipo específico de cultura escolar, inspirada nas “Demoiselles francesas do século XVIII, quando havia pouca distância entre o “livro piedoso, o tratado de educação e o livro de boas maneiras, [todos três participando] da mesma inspiração moral.” (CONSTANT, 2011. p. 14). Esse tipo de ensino tinha por fim educar as jovens da elite, para demonstrar, pela maneira de ser e agir, pertencerem a um grupo de escol, portanto, transmitir distinção às meninas confiadas à sua guarda (CONSTANT, 2011. p. 14).

As corporações francesas de ensino confessional católico, começaram a procurar outros países, para exercer sua docência, na época em que Jules Ferry, (1832/1893), advogado, positivista e anti-clerical, enquanto Ministro de Instrução Pública, torna laico o ensino primário:

A Reforma delimitava o campo de ação das instituições, obrigando-as a solicitarem uma autorização junto ao ministério de Cultos para manterem o funcionamento de suas escolas. Embora sua aplicação tenha sido branda, no início do século XX duas outras leis foram publicadas, sendo uma em 1901 e outra em 1903. A primeira ratificava as obrigações anteriormente exigidas e a segunda proibia qualquer tipo de ensino oferecido por congregações católicas (LEONARDI, 2001, p. 60).

Estas religiosas, já não eram enclausuradas em seus monastérios e fechadas para o mundo, mas mulheres de vida ativa, oferecendo seus préstimos em escolas e hospitais, participantes da vida cotidiana das pessoas. De 1800 a 1880, 400 congregações são criadas na França, no mesmo período 200.000 mulheres entram para o noviciado. As fundadoras destas congregações são 64% oriundas da nobreza e da alta burguesia (MAYEUR, 12/10/2018).

Entre todos os fatores a se considerar, deste grande aumento das congregações francesas, durante o século XIX, a necessidade de professoras, o trabalho em hospitais, assim como, a possibilidade de segurança, de iniciativas e responsabilidades. O que parece ser o mais importante, além do ideal ultramontano, vigente na época, é realmente de ordem religiosa, o romantismo que envolvia o fato de ser freira.

### **Educação: O toque francês.**

“A moda, esta mágica francesa, irrompeu cedo no Brasil”, (CAMARGOS, p. 27) esta declaração feita por Debret, abordando suas experiências em solo brasileiro, nos atesta a grande influência, cultural parisiense que dominou estas Terras de Santa Cruz, desde 1816, com a chegada da família Imperial,

O Império de D. Pedro tornou-se um de seus mais brilhantes domínios: lá ela reina absoluta, seus caprichos são leis: nas cidades, na indumentária, refeições, dança, música, espetáculos, tudo é calcado no exemplo de Paris e, sob este viés como em qualquer outro, certas regiões da França estão ainda bem atrás de algumas províncias do Brasil (GUIMARÃES *apud* CAMARGOS, 2001, p.28).

Quase um século depois, o primeiro-ministro da França, Georges Clemenceau a comentar sua estadia em São Paulo, no jornal, *L'illustration*, declarou, que por ser,

tão curiosamente francesa, a cidade fizera-o sentir-se em casa, ao longo da semana que passou na cidade (AMARAL *apud* CAMARGOS, 2001, p.28).

Antes disso, a grande atriz Sarah Bernhardt, em sua segunda visita a São Paulo, agradecendo as manifestações de apreço recebidas, declarou: “São Paulo é a cabeça do Brasil; e o Brasil, a França Americana” (CRISPIM FARINA, *apud* CAMARGOS, 2001, p.28.).

Para as jovens oriundas desta elite, tão afrancesada, se tornava necessário, um novo tipo de educação, mais voltado para o urbano, para o polimento social. Já não era mais possível, essas moças possuírem apenas, os conhecimentos voltados para as prendas domésticas, educação dos filhos e administração dos empregados.

Outro fato a se considerar, é que esses grandes cafeicultores, com a implantação das linhas férreas, no final do século XIX, com as facilidades de locomoção que este fato trazia, começaram a construir suas casas nas cidades, que se tornavam cada dia mais, o palco dos grandes progressos sócio-culturais e econômicos.

Como sabemos já no final do século, São Paulo havia se tornado a cidade financeiramente mais poderosa do Brasil. Poder esse, não só oriundo da oligarquia cafeeira, mas de uma nova classe de milionários, os novos capitães de indústria, originários, em sua maioria, da enorme massa de imigrantes, principalmente árabes e italianos, que a cidade recebia naquele momento. Esses novos enriquecidos etambém uma classe média com poder aquisitivo significativo, que estava se formando, paulatinamente, na primeira metade do século XX, quiseram que suas filhas tivessem a mesma educação, das jovens de famílias brasileiras tradicionais. Neste contexto, começaram a se implantar, não só em São Paulo, mas em outras cidades brasileiras, os colégios de freiras, que traziam em sua bagagem, a orientação educacional católica de viés francês. Vejamos o que nos conta sobre estes fatos a escritora Helena Silveira, sobre uma jovem da pequena classe média, filha de um imigrante italiano que a mãe, por ser brasileira, fez questão que ela estudasse em um desses colégios de freiras de orientação francesa,

Ainda já no pórtico, beijou a mão da *mère* Agnése, fez uma graciosa reverência [...]. Foi a última a entrar no ônibus do colégio. [...] Nesse instante preciso veio-lhe a voz da governanta, assentada ao fim do carro, vencendo distância Parece que *mademoiselle* Magnocavallo será a última a descer. Sua rua em que bairro fica mesmo *mademoiselle*? [...] Aos poucos Aindafoi compreendendo aquelas pequenas e orgulhosas hierarquias, foi achando justo que a relegassem. Quando entraram para sua classe Mafalda Mastrolongo e Karime Abibe, não entendeu logo que, pressurosamente fossem recebidas com aqueles nomes pelas Bulcão Pousada, Arruda de Albuquerque, Souto Vilela, Leme de Alcântara e toda banda. Mais tarde, ao fim do dia, quando o ônibus parou a porta de palacete de

Mafalda, na Avenida Paulista, começou e entender e, ao dia seguinte entendia por completo ao ver Karime enfiar-se num automóvel lapidado e longo, todo vernizes espelhantes, com dois “chauffeurs” no assento dianteiro e uma corneta acústica onde a menina dava ordens muito enfática, [...] Tratava-se de uma outra nobreza a deitar raízes na terra. Essa era uma nobreza de arrojo e de dinheiro, mas pelo luxo que podia ostentar, pelas posições políticas que podia comprar, conseguia um lídimo pé de igualdade com a gente mais antiga (SILVEIRA, 1953, p. 122).

Podemos ter uma noção da aceitação que esses colégios religiosos, tiveram pelas elites, ao observarmos duas destas instituições instaladas no Brasil, a primeira delas é a Congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário, fundada pelo padre Pierre Bonhomme, (1803/1861) em 1833, na pequena cidade de Gramat, sudoeste da França.

Quatro, irmãs, desta ordem, foram enviadas ao Brasil, se instalando em Pouso Alegre, onde Dom João Nery (1863/1920) era bispo. Primeiramente, essas religiosas trabalharam na Santa Casa e no seminário da cidade. (LEONARDI, 2011, p.64)

Em junho de 1908, ao ser criada a Diocese de Campinas. Dom Nery, filho desta mesma localidade, é chamado para dirigir-la. Deixa então Pouso Alegre, levando consigo, as quatro freiras francesas, que logo alugaram uma casa, com o intuito de fundar um colégio. “Logo que chegaram a cidade, a irmã de Monsenhor Campos, prelado da cidade, levou a superiora, Madre Pierre, para visitar “as mais dignas famílias”, onde podiam se expressar em francês”. (LEONARDI, 2011, p.69) Esses contatos, com a elite local, favoreceu a expansão, desta instituição de ensino, que receberia o nome de Colégio Sagrado Coração de Jesus.

Em breve esta instituição, se povoou de alunas das melhores famílias de Campinas. Fossem elas, pertencentes às tradicionais famílias paulistas ou originárias de fortunas recentes, a modernidade não era desejada para a educação de suas filhas (LEONARDI, 2011, p. 69).

Outro colégio feminino, de origem francesa, que nos pode dar algum subsídio de estudo, é a Congregação de Nossa Senhora de Sion.

As religiosas desta ordem, já vieram ao Brasil com o projeto de educar meninas da alta sociedade carioca. As primeiras irmãs sionistas, aportaram em terras brasileiras, mais precisamente na cidade do Rio De Janeiro no dia 09 de outubro de 1888.

Segundo fontes do arquivo do colégio, a vinda das irmãs ao Rio de Janeiro deu-se a partir de um convite da condessa Monteiro de Barros, em nome da sociedade carioca, e do monsenhor Spolverine, núncio apostólico, que solicitou a vinda das irmãs à Mère Marie Paul, superiora geral das irmãs em Paris. Ao chegarem, elas foram recebidas por uma comissão integrada pela condessa, pelo núncio

apostólico, pelo conde de Nioc, que era ligado ao Imperador D. Pedro II e por cinco irmãs de caridade. (CRUZ COLOMBO, 2013 p,85)

Criada em 1842, na França, pelo padre Theodoro Ratisbonne, de origem judaica, as irmãs de *Notre Dame de Sion*, nasceram sob o carisma de converter meninas judias órfãs ao catolicismo.

As irmãs sionistas, fundaram seu primeiro colégio em Paris em 1843. Quarenta anos depois, em 1889, ao chegarem ao Brasil, instalam no Rio de Janeiro sua primeira instituição de ensino, dedicada desde o princípio, à educação das elites. O colégio de São Paulo surge em 1901 (ver CRUZ COLOMBO, 2013 pp.60/63.).

O Sion, assim como outros estabelecimentos católicos, destinados à educação das jovens oriundas das camadas mais elevadas, eram acompanhados por fortes rituais cotidianos de postura, sempre permeado por um viés de gênero extremamente definidos, entre meninos e meninas.

Nesse tipo de educação, nada é deixado ao acaso: a feminilidade implica maneiras de ser e comportamentos que se deve absolutamente conhecer...[As mestras] dão extrema importância à noção de controle corporal [...] do qual derivam os bons modos, as nobres reverências e até mesmo essa decência que preserva a honra [...] que dá às jovens, rigor físico e cautela moral [...] a aceitar uma ordem sobre a qual não tem nenhuma influência (XAVIER de BRITO, 2011. P, 18).

A função primordial dos colégios para meninas era o de transmitir às alunas, além de uma forte fundamentação religiosa de escopo mariano (se distinguir, sim, se exhibir, nunca) de distinção e refinamento, através de uma hexis corporal e comportamental, favorecendo a formação de um grupo dotado de uma mesma característica social, formados por “habitus” específicos.

Na educação católica, de orientação francesa, nada é deixado ao acaso, a feminilidade implica em maneiras de ser e comportamentos que se deve absolutamente conhecer. [...] Quando sentadas, as pernas deveriam ficar levemente inclinadas para o mesmo lado e as mãos graciosamente pousadas sobre o regaço. Durante as aulas o corpo das meninas deveria manter-se ereto. (XAVIER de Brito, 2011,p.18)

Pois essas corporações religiosas preparavam suas alunas, para serem esposas e mães das castas mais elevadas, assim essa “hexis” corporal seria necessária, afim de que as alunas se distinguissem como damas da sociedade.

Fora do colégio a discrição e a postura reservada, onde a elegância não era esquecida, seriam os principais motivos para um julgamento do caráter feminino.

A aquisição de uma hexis corporal distinta fazia parte a tal ponto da cultura das meninas de Sion que a mãe de Sergio Paulo Rouanet, interna em Petrópolis, no início do século XX, apesar de já bem idosa, manteve-se “toda ereta”, na “posição decorosa [aprendida] no colégio Sion há 80 anos”, durante a íntegra do discurso de posse de seu filho na Academia Brasileira de Letras, em 23 de abril de 1992 (XAVIER de BRITO, 2011, p.18).

## Elegância

Como estamos discorrendo sobre um dos pilares que formaram um jeito de ser brasileiro, ou seja a contribuição dos colégios de freiras de orientação francesa na formação deste patrimônio imaterial que é a elegância, atentemos o que nos diz, a mecenas das artes visuais Yolanda Penteado<sup>4</sup>, aluna na primeira metade do século XX, de um dos mais tradicionais colégios confessionais de São Paulo,

Aos treze anos, fui para o Colégio *Des Oiseaux*. [...] As freiras não falavam português. Ensinavam todas as matérias em francês. Inclusive geografia. [...] Falava-se francês o tempo todo, de maneira que aprendi a falar muito bem. (Penteado. 1976, p.50)

Esses colégios católicos de orientação francesa, muitos ainda em funcionamento, embora não mais pautados pelas mesmas diretrizes, ofereciam a suas alunas, tudo o que a Igreja pregava, do ponto de vista do agir humano, influenciando posturas que dentro da vida normativa, do dia-a-dia, as aproximassem da figura de Maria Santíssima.

Isto já no final da primeira metade do século XX, em que a Igreja ainda mantinha todas as formulações ratificadas pelo Concílio de Trento. Uma das normas tridentinas, é a extrema necessidade de salvar a alma e evitar a condenação eterna, portanto a prática aos sacramentos era a “porta que levava ao céu”, também professar sistematicamente a doutrina da fé e da moral, ensinada pelo magistério da Igreja. Os padres eram os legítimos dispensadores dos sacramentos.

Pelo motivo de ser indispensável construir a própria vida, pautando-se pela “salvação da alma”, era evidente que as pessoas dessem um grande valor ao mundo sobrenatural. Logo tudo o que fosse apenas humano, poderia ser desvalorizado, em vista da vida eterna.

---

<sup>4</sup> Yolanda de Ataliba Nogueira Penteado (1903/1983). Pertencente a uma das famílias mais tradicionais da elite cafeeira paulista. Ao lado de seu marido Ciccillo Matarazzo, ela foi uma das responsáveis pela criação e pelo sucesso da Bienal Internacional de São Paulo.

O Jornalista Marcelino de Carvalho (1905/1978) e mestre de etiqueta, dos anos 50, assim aconselhava, em um de seus livros,

Quando dentro de uma Igreja, as mulheres devem estar vestidas com decência, isto é, com vestimentas que não sejam muito decotas ou sem mangas. A cabeça deve estar sempre coberta, com chapéu ou o tradicional véu de rendas. Não se deve confessar ou comungar com luvas, como também com luvas não se reza o terço (CARVALHO, 1962, p. 127).

Esta forma, religiosa, de pensar e agir, influenciou o vestuário laico, por muitos séculos, pois a elegância, principalmente a feminina, deveria acentuar o espírito de transcendência, em detrimento do orgânico. Por ser enquadrada dentro das artes aplicadas e a exemplo de toda a arte cristã, a moda, em sentido subliminar, deveria buscar o Divino, o transcendente.

A estética do vestuário, principalmente das mulheres, possuía valor de elegância quando fugia da sensualidade visceral, sempre contrária à aquilo que se entendia, por classe e bom gosto. Era conhecida a famosa máxima que até a década de 1950, povoou o universo das senhoras e senhoritas, “A mulher não se veste para os homens e sim para as outras mulheres’.

Segundo Robert Selbie, desde a metade do século XVI, a Espanha católica, ditava a moda para outras cortes, tendo apenas como rival, a corte francesa. Nesta época o país, era o mais poderoso do mediterrâneo, dispondo de imensas riquezas, extraídas das minas de ouro e prata da América do Sul. Os Habsburgos, soberanos espanhóis, eram aparentados com a corte austríaca, por esse motivo, a moda espanhola se expandia através da Europa. No reinado de Felipe II, ardente defensor da Contra-Reforma, as toaletes, usadas, apesar de linhas simples, são luxuosas e particularmente rigorosas, refletindo seu gosto pela etiqueta e pela tradição. A partir de 1825, passa a influenciar a França. (SELBIE, 1978, p.50)

Tudo leva a crer que este rigor luxuoso e religioso, pode ter influenciado, de maneira subliminar, a moda feminina, até o final dos anos de 1950.

No ano de 1954, o Papa Pio XII, ao receber, no Vaticano, membros do *Congresso Internacional de Costureiros*, criticou o setor que se ocupava em “*lisonjear a vaidade e o orgulho*” ignorando o pudor e incentivando “*luxo provocante.*” (O ESTADO de SÃO PAULO, 18 set. 1954, *apud* SANT’ANNA, 2014. p.49)

A respeito do que seria a verdadeira elegância, ensinada por esses colégios religiosos, esta definição do costureiro Christian Dior, (1905/1947) responsável pela manutenção da França, como líder mundial da moda, no pós segunda Guerra mundial, pode nos oferecer alguma contribuição, “Apenas direi agora que a elegância deve ser a combinação certa de discrição, naturalidade, cuidado e simplicidade. Fora isso, acredite, não há elegância. Apenas ostentação.” (DIOR 2009, p. 37).

Daí resulta a qualidade de bem parecer como qualidade de bem ser. “Para aparecer, ela deve ser interior e invisível, vindo de dentro para fora, pela graça de uma divina

troca”. Sendo desse teor, a verdadeira elegância, ela exerce sua ação pela alma, ela a eleva e a fortifica, ela a obriga a rejeitar, em um esforço natural, tudo o que não é moralmente elegância (SANT’ANA, 2014, p. 47).

## Vaticano II: Um divisor de águas?

No dia 25 de janeiro de 1959, em Roma, na Abadia de São Paulo-fora-dos-Muros, diante dos cardeais da Cúria, o sucessor de Pio XII, Papa João XXIII, (1881/1963) anuncia o desejo de convocar um concílio. Foi uma atitude tão inesperada, que o Cardeal Montini, teria declarado, “Aquele santo homem”, referindo-se a João XXIII, “não se dá conta de que está se metendo num vespeiro”; e outro cardeal, Lercaro, julgava uma imprudência e inexperiência tal convocação (LIBANIO, 2005, p.59).

Promover um novo “pentecostes na Igreja, foi a intenção primeira do Cardeal Angelo Giuseppe Roncalli, de 77 anos, que havia assumido, oficialmente, a “Cátedra de Pedro” em 04 do novembro de 1958. A construção, desse “novo pentecostes” assumida por ele e conduzida pela força de sua autoridade, como também, pelo vigor de seu carisma renovador.

Naquele momento, final do Grande Conflito, a Igreja estava segura de sua posição e das verdades cristãs, que continua sendo seu carisma inalienável, porém, distante da chamada modernidade. Com o Concílio Vaticano II, ela foi capaz de rever suas posições, frente ao mundo que saía desta segunda grande guerra, extremamente mudado e elaborar uma nova doutrina, sobre os homens e sobre si mesma.

Eclesiólogos reconhecidos tinham anunciado o fim da era dos Concílios. Do ponto de vista teológico, se pensava que,

O dogma do primado de Bispo de Roma e da infalibilidade do magistério pontifício, um Concílio seria um luxo caro, perigoso e desnecessário. Para alguma eventual questão que merecesse uma tomada solene de posição, o magistério pontifício gozava do carisma da infalibilidade, naturalmente, segundo as condições prescritas pelo Concílio Vaticano I. [...] Era a ampliação do “Roma locuta, causa finita”- Roma falou, o assunto ficou resolvido (LIBANIO, 2005, p.57).

Embora não tenha acontecido em seu papado, a inclusão de mulheres no Concílio, em sua encíclica, *Pacem in Terris*”, de 11 de abril de 1963, Roncalli já reconhecia a emancipação feminina como um dos “sinais dos tempos” da sociedade contemporânea, “O papel que a mulher está a desempenhar na política no mundo inteiro (*Pacem in Terris* n° 41)



## Padre deixe lá as flores<sup>5</sup>

Uma das constatações, de algumas mudanças que viriam acontecer, dentro do Vaticano II, foi o anúncio pelo Cardeal Giovanni Battista Enrico Antonio Maria Montini, (1897/1978) que assumira a Cátedra de Pedro a 21 de junho de 1963, após a morte de João XXIII, sob o nome de Papa Paulo VI, foi a presença de auditoras.

Entre setembro de 1964 a julho de 1965, foram chamadas 13 mulheres fiéis a Igreja e 10 religiosas, escolhidas dentro dos parâmetros de internacionalidade e representatividade.

A primeira mulher, não sendo freira e nem consagrada, a entrar no Concílio, Marie Louise Monnet, irmã do estadista francês Jean Monnet, trazia um lema muito apropriado, para as discussões em curso: “*Mon baptême me suffit*”<sup>6</sup>

Pela primeira vez, na história da Igreja dentro do Concílio Vaticano II, se verificou a presença feminina. Essas mulheres, ao todo 23, acompanharam em silêncio, os mais importantes debates, deixando neles uma nova configuração. Embora tivessem que acompanhar em silêncio as discussões, sobre os temas em pauta; nos intervalos, não participavam dos espaços de recreação, tinham uma pequena sala de café, separada.

Todas, mesmo as que não fossem freiras, deveriam estar com a cabeça coberta, pelo véu ou chapéu.

Um fato chama atenção e já aponta para a nova disposição que o elemento feminino iria adotar, demonstrado pela questão do uso do véu,

a mais jovem de todas, Gladys Parenelli, recusou-se a isso e não foi incluída na foto de grupo. Mas não devemos esquecer que estamos em 1964. Numa outra instituição tão emblemática como o Supremo Tribunal de Justiça dos Estados Unidos, a participação de mulheres nem sequer esta prevista[...] O contributo de Luz Maria Icaza e do seu marido na subcomissão da “*Gaudium et Spes*” terá sido determinante para alterar a visão da sexualidade conjugal como “remédio para a concupiscência” e descrevê-la como ato e expressão de amor. E ficou célebre a resposta que a franzina Rosemary Goldie deu ao grande teólogo Yves Congar. No âmbito do debate sobre o esquema do apostolado dos leigos, ele estava pronto a inserir no documento uma elegante (mas condescendente) comparação das mulheres à delicadeza das flores. A australiana reagiu assim: Padre, deixe lá as

<sup>5</sup> Título de um texto escrito pelo Cardeal José Tolentino Calaça de Mendonça. Nascido em 1965, este teólogo e poeta é atualmente bibliotecário da Biblioteca Apostólica da Cúria Romana.

<sup>6</sup> Meu batismo é o suficiente para mim.

flores. O que as mulheres querem da Igreja é ser reconhecidas como pessoas plenamente humanas. (TOLENTINO de MENDONÇA. 15/02/2018)

### **Considerações finais.**

Procuramos mostrar, neste trabalho, como a cultura social de matriz francesa tornou-se um dos pilares da formação de um *habitus* “verde e amarelo”, no que se refere à elegância e modo de agir em sociedade. Os colégios confessionais femininos que por motivos diversos foram se instalando no Brasil, tornaram-se os grandes propagadores desta elegância e jeito de agir nascido na França, em seu momento de maior grandeza, isto é, durante o século XVII e o reinado de Luis XIV.

Mas assim como a religião católica, esse charme francês, foi tomando características brasileiras pois aqui deu-se o encontro com outros dois pilares que foram definitivos para o jeito de ser do comportamento da mulher brasileira, a dádiva indígena, com o colorido de sua arte e a liberdade natural de exposição corpórea, e a doação definitiva advinda do elemento africano, a ginga, a leveza do jeito de ser e andar e o gosto por enfeites corporais, jóias, bijuterias, bordados, etc.

Pela declaração de Tarsila do Amaral, ao voltar, no final dos anos de 1920 de uma viagem a Minas Gerais, podemos comprovar a contribuição e a brasilidade desta simbiose tripla

Encontrei em Minas as cores que adorava em criança. Ensinaaram-me depois que eram feias e caipiras. Segui o rememão do gosto apurado...Mas depois vinguei-me da opressão, passando-as para as minhas telas: azul puríssimo, rosa violáceo, amarelo vivo, verde cantante, tudo em gradações mais ou menos fortes, conforme a mistura de branco. (Teixeira Leite. 1978, p. 17)

Esse charme brasileiro, encontrou seu apogeu, durante a década de 1950 e início dos anos de 1960, quando uma onda de nacionalidade se estendeu sobre as artes brasileiras em geral.

Época de grande visibilidade feminina, pois em 1951 o jornalista Jacinto de Thormes, através da revista O Cruzeiro, lança a lista anual, das dez mulheres mais elegantes do Brasil que fará grande sucesso, por toda a década.

Durante os anos de 1950 e início da década seguinte, pelo fato da grande exposição midiática que tiveram essas grandes elegantes, elas puderam transmitir, a toda uma geração e para várias camadas sociais, ricas ou não, aquilo que as faziam

possuir este predicado. Vejamos os conselhos dados por Teresa Souza Campos, uma das mais representativassocyalites, da época em questão,

Você acha que a elegância é inata ou é adquirida?

É inata, mas pode ser aprimorada. Quanto mais vemos e observamos mais desenvolvemos o nosso censo estético, que é em última análise, o determinante da elegância. (VARGAS DUTRA. 1957, p.42)

Teresa discorre sobre outros parâmetros para conseguir a elegância, as viagens, os figurinos e as revistas, “para auxiliar aquelas que já contam com a matéria prima”. Nesta mesma reportagem, deixa claro seu prazer pela leitura, preferindo o gênero leve. Questionada sobre sua filosofia de vida, assim responde Teresa,

Dar muito e esperar pouco. Respeitar a liberdade dos outros em todos os sentidos. Aceito todos como são. É melhor e mais colorido do que tentar padronizações de acordo com meu ponto de vista. [...] E aqui - conclui Teresa –peço-lhe licença para uma opinião muito sincera: “Não ser invejosa é o primeiro conselho de beleza. A mulher que passa o dia inteiro “roendo” o fígado, jamais poderá ser bonita!”. (VARGAS DUTRA, 1957 p. 42/43)

A inclusão do Concílio Vaticano II, foi considerado neste texto, pelo fato de que pela primeira vez foram admitidas mulheres, embora de maneira discreta, em suas dependências. Também porque, curiosamente, esta “questão da elegância e do charme”, devido em parte aos colégios confessionais femininos de orientação francesa, começa encontrar seu ocaso, ou mudar a sua configuração, na mesma época em que o Papa João XXIII, no ano de 1961, convocou o Concílio Vaticano II. Teria este fato a ver com as mudanças comportamentais que se verificaram a partir deste momento?

Finalizando este ensaio científico podemos citar, como exemplo desta busca por esse “patrimônio imaterial” que é a elegância dentro do comportamento o do pensamento de um povo, pela música, Garota de Ipanema, escrita em 1962 por Antonio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes, hoje um clássico da música popular internacional. Não fosse a mescla dos três pilares, acima citados, essa canção poderia, talvez, jamais ter sido escrita.

### Referências bibliográficas

ABREU, Dener Pamplona de. *Dener – O Luxo*. Rio de Janeiro: Editora Laudes, 1972. 2º ed.



ALBINO DE ASSUNÇÃO, Rudy, *Bento XVI, A Igreja Católica e o “Espírioto da Modernidade”*. Uma análise da visão do Papa teólogo sobre o “mundo de hoje”. São Paulo: Paulus, 2018.

ALENCAR, José Mariano de. *O tronco de Ipê*. São Paulo: Edição Saraiva, 1951.

ALMEIDA, Manoel Antonio. *Memórias de um Sargento de Milícias*. São Paulo: Editora Cultrix, 1970.

CAMARGOS, Marcia. *Vila Kirial: crônica da Belle Époque paulistana*. São Paulo: Editora Senac, 2001.

BONNEFON, Daniel. *Traité de l'éducation des filles de Fénelon: Résumé*. D'a Après Daniel Bonnefon. Les écrivains de la France, ou Histoire de la littérature française depuis l'origine de la langue jusqu'au XIX siècle (7<sup>o</sup>éd.), 1985, Paris, Librarie Fischbacher Disponível em: <https://litteraire.linternaute.com/fr/resume-d-oeuvre/content/1834266-traite-de-l-education-des-filles-de-fenelon-resume> Acesso em: 22/10/2018.

CAMARGOS, Marcia. *Vila Kyrial: crônica da Belle Époque paulistana*. São Paulo: Editora Senac, 2001.

CARVALHO, Marcelino de. *Guia de Boas Maneiras*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1962, 2<sup>o</sup> ed.

CASTRO, Ruy. *Chega de saudade: a história e as histórias da Bossa Nova*. São Paulo: companhia das Letras, 1990.

COLÉGIO DE SION. Origem de Sion. História da fundação de Sion no Brasil. Disponível em: <https://colegiosionrj.com.br/nossa-escola/origem-de-sion/> Acesso em: 07/11/2018.

CONSTANT, P. *Um monde à l'usage des Demoiselles*, p. 37 In: XAVIER de BRITO, Angela. *Exame de consciência, sentimento de culpa e formação de um habitus feminino*. São Paulo: Paulinas, PUC-SP. REVER revista de Estudos da Religião. Ano 11, n<sup>o</sup> 1, jan/jun. 2011.

CRISPIM FARINA, Duílio. *Franceses em chãos do Brasil*. São Paulo: Ed. do Autor, 1955.p.55. In, CAMARGOS, Marcia. *Vila Kyrial: crônica da Belle Époque paulistana*. São Paulo: Editora Senac, 2001.p. 28

CRUZ COLOMBO, Maria Alzira da. *Sion – da Belle Époque aos nossos dias*. São Paulo: Colégio Nossa Senhora de Sion, 2013. 1<sup>o</sup> ed. ISBN 978-85-66544-00-8



DIETRICH, Marlene. *ABC de Marlene Dietrich, Revelações, opiniões, fantasias e as receitas preferidas do mais famoso mito do cinema de todos os tempos*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1985.

DIOR, Christian, *O pequeno dicionário de moda*. Tradução de Luciana Garcia. São Paulo: Martins Editora Livraria, 2009.

DOMÉZI, Maria Cecília, *Mulheres do Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2016.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA DO BRASIL. Planejamento e Colaboração, MACHADO RUSSO, Ana Maria, (et-al). *Mulheres imortais*. São Paulo: CIA. Melhoramentos de São Paulo. 1973.

FÉNELON, François de Salignat de La Motte-. *De l'Education des Filles*. Disponível em: <http://www.recherche-fenelon.compage-10027-education-filles.html> Acesso em: 18/06/2019.

GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado In: CAMARGOS, Marcia. *Vila Kirial: crônica da belle Époque paulistana*. São Paulo: Editora Senac, 2001. Pp, 27/28.

HOORNAERT, Eduardo. *O Cristianismo Moreno no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

JUIN, Hubert, (Texto). *La Parisienne: Les élégantes, les célébrités et les petites femmes*. Paris, Fr: André Barret, éditeur, 1978.

KIBILIOVÁ, Ludmila; HERBENOVÁ, Olga; LAMAROVÁ, Milena. *Encyclopédie illustrée du Costume et de la Mode*. Paris. Fr: Grund, 1976.

LEÇA, Catarina, *O Colégio de Saint-Cyr*. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/stcyr/stcyr.htm> Acesso em: 09/01/2018.

LEONARDI, Paula. *Vestígios de um lugar próprio: religiosas francesas no Brasil*. São Paulo. In. REVER Revista de Estudos da Religião, Paulinas, PUC-SP. n° 01. Jan/jun. 2011.

LIBANIO, João Batista. *Concílio Vaticano II Em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MARCONDES DE MOURA, Carlos Eugênio. (org.). *Vida Cotidiana em São Paulo no Século XIX: memórias, depoimentos, evocações*. São Paulo: Ateliê Editorial: fundação Editora da Unesp: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, 1998.



MAYEUR, Jean-Marie.Claude Langlois, *Le catholicisme au féminin. Les congregations françaises à supérieures générale au XIX<sup>o</sup> siècle* (preface de René Rémond). In: *Revue d'histoire moderne et contemporaine*, tome 34 N<sup>o</sup>1, Janvier-mars. 1987. Pp.161-164 Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/rhmc\\_0048-8003\\_1987\\_num\\_34\\_1\\_1398\\_t1\\_0161\\_0000\\_2](https://www.persee.fr/doc/rhmc_0048-8003_1987_num_34_1_1398_t1_0161_0000_2) Acesso em: 12/10/2018.

MULLER, Caroline. *Raconter l'histoire du catholicisme au XIX<sup>o</sup> siècle*. Disponível em: [https://consciences.hypotheses.org/309#\\_ftnref3](https://consciences.hypotheses.org/309#_ftnref3) Acesso em:12/10/2018.

PENTEADO, Yolanda. *Tudo em cor-de-rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

RODRIGUES, José Honório. *Independência: Revolução e Contra-revolução*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, vol. 2, 1975.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. *Elegância Beleza e Poder na sociedade de moda dos anos 50 e 60*. São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora. 2014.

SAPATERRA, Ana Paula. *Colégios católicos femininos: A educação no Colégio Nossa Senhora do Patrocínio*. VERBUM- Cadernos de Pós-Graduação, n<sup>o</sup> 1. 2012.

SEIXAS, Cristina. *Casa Canadá – a questão da cópia e da interpretação na produção de moda na década de 1950*. Rio de Janeiro: Cassará Editora, 2015.

SELBIE, Robert. *2000 ans d'Histoire em 1000 costumes* (Texte français de Béatrice de Boisanger). Paris, fr: Les Editions La Boétie. 1978.

SILVEIRA, Helena. *Mulheres Frequentemente*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora S.A. 1953.

TEIXEIRA LEITE, José Roberto. *Pintura Moderna Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1978.

TOLENTINO MENDONÇA, José. *Padre deixe lá as flores: mulheres no Concílio Vaticano II*. Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura. Disponível em: [https://www.snpcultura.org/mulheres\\_concilio\\_vaticano\\_ii.html](https://www.snpcultura.org/mulheres_concilio_vaticano_ii.html) Acesso em: 15/02/2018.

UM SIÈCLE DE COUTURE PARISIENNE. Paris: Conception et realization: Editions Leonard: Paris, Fr: Documents aimablement prêtés par L'Union Française des Arts du Costume. 1976.

VARGAS DUTRA, Yara. *“Uma mulher invejosa nunca será bonita”*. In: *Lady a companheira da mulher*. São Paulo: Editora Monumento, 1957. N<sup>o</sup> - junho de 1957.



VEIGA, Carmem Mayrink. *ABC de Carmem. Estilo, culinária, receitas pessoais e a arte de receber*. São Paulo: Editora Globo S.A. 1997. 2º ed.

XAVIER de BRITO, Angela. *Exame de consciência, sentimento de culpa, e formação de um habitus feminino*. In. Rever- Revista de estudos da religião. São Paulo: Paulinas, PUC-SP. Ano 11, jan/jun. 2011.

Recebido em: 24/11/2019

Aceito em: 19/05/2020